

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ – CCCo.
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

VALDINEA DA CRUZ OLIVEIRA DE SOUSA

**HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS
MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA
FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA**

CODÓ-MA

2022

VALDINEA DA CRUZ OLIVEIRA DE SOUSA

**HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS
MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA
FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção do título de graduada no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de Codó - CCCo.

Orientadora: Prof. Dra. Jascira da Silva Lima

CODÓ-MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

OLIVEIRA SOUSA, Valdinea da Cruz.

HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS
MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA
FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA / Valdinea da Cruz
OLIVEIRA SOUSA. - 2022.

61 p.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2022.

1. Extrativismo. 2. Identidade. 3. Quebradeiras de
Coco Babaçu. 4. Sobrevivência. I. da Silva Lima,
Jascira. II. Título.

VALDINEA DA CRUZ OLIVEIRA DE SOUSA

**HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS
MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA
FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção do título de graduada no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de Codó - CCCo.

Orientadora: Prof. Dra. Jascira da Silva Lima

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Jascira da Silva Lima
(Orientadora)

Profa. Dra. Roneide dos Santos Sousa
(Examinadora 1)

Profa. Doutoranda Maria Raquel Barros Lima
(Examinadora 2)

CODÓ-MA

2022

Dedico à minha família que sempre estiveram comigo nesta jornada. Meus pais Euripes Alves de Oliveira e Gessy da Cruz Oliveira. Meu esposo José Arnaldo dos Santos de Sousa. Meus filhos William David Oliveira de Sousa e Ana Kévillyn Oliveira de Sousa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por tudo que tem me concedido, por sua grande misericórdia em minha vida, por guiar meus passos, posso dizer que, “até aqui me ajudou o Senhor”. 1 Samuel 7:12.

Agradecer aos meus pais Euripes Alves de Oliveira e Gessy da Cruz Oliveira, pelo amor e por sempre acreditar em mim.

Meu querido esposo José Arnaldo dos Santos de Sousa, por todo amor, carinho, por me incentivar, sempre esteve junto comigo me ajudando, dando todo apoio, meus queridos filhos William David Oliveira de Sousa, e Ana Kévillyn Oliveira de Sousa minha razão de viver. Agradecer também minha querida irmã Valdiane da Cruz Oliveira, por me ajudar tanto, todas as vezes que precisei ela sempre dava um jeitinho para me ajudar mesmo com tantos afazeres, sempre teve um tempinho para mim. Que os céus te recompensem mana.

Agradeço a minha orientadora Jascira da Silva Lima, obrigada por todo apoio e incentivo, por me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho.

Sou também grata à Universidade Federal do Maranhão/ Campus VII, pela oportunidade que tive de ter uma bolsa para auxiliar nos meus estudos “Bolsa Permanência” onde eu tive a oportunidade de trabalhar na brinquedoteca. Também agradeço a CAPES pela oportunidade de exercer a prática docente, através do Programa Residência Pedagógica foi uma experiência de grande importância para mim.

Dirijo também a minha gratidão às mulheres quebradeiras de coco, as quais relato neste trabalho a história, dona Edelania Silva Lima, dona Delma Maria de Brito Santos, dona Francisca Ferreira de Sousa. Obrigado por me aceitar e confiar em mim, me concederam as respostas que eu precisava quando as entrevistei, que o Senhor lhes recompense.

*“Se fui capaz de ver mais longe, é porque
me apoiei em ombros gigantes”.*

Issac newton

RESUMO

O objetivo deste estudo foi de registrar a história de luta pela sobrevivência de três mulheres de Codó, que se identificam como quebradeiras de coco babaçu. Para elas a quebra do babaçu esteve presente em suas vidas desde a infância, no passado, por dependerem economicamente desta atividade, por não ter outra fonte de renda, e hoje mais ligado ao hábito cultural. Para a realização deste trabalho foi necessário fazer imersão nas comunidades, para que assim fosse possível conhecer e descrever a forma como cada São José de Pinho e Belém II, uma desenvolvem a atividade do extrativismo. Com a realização das três entrevistas foram coletadas informações importantes como, características socioeconômicas do extrativismo babaçu, além de identificar quais os subprodutos são feitos na comunidade com participação dessas mulheres. Para debater o tema buscou-se utilizar autores como: BECKER (1996); CARRAZZA, SILVA, ÀVILA (2012); entre outros. Os quais veem discutindo sobre a atividade do coco babaçu desenvolvido principalmente por mulheres quebradeiras de coco. Como resultado percebe-se que essas mulheres que passaram sua infância vivendo na zona rural dependendo da atividade da quebra do coco babaçu, atualmente já não dependem dessa atividade, porém, continuam por prazer é como uma diversão, para elas, a identidade de quebradeiras de coco permanece, ficou a cultura, o amor pela atividade. Os trabalhos dessa natureza são importantes porque resgatam o processo de construção das identidades do sujeito do lugar, valorizando sua cultura e tradições.

Palavras-chave: Quebradeiras de Coco Babaçu. Extrativismo. Identidade. Sobrevivência.

ABSTRACT

The aim of this study was to record the history of struggle for survival of three women from Codó, who identify themselves as babassu coconut breakers. For them, the breaking of babassu was present in their lives since childhood, in the past, because they depended economically on this activity, because they had no other source of income, and today it is more linked to cultural habits. In order to carry out this work, it was necessary to immerse oneself in the communities, so that it would be possible to know and describe the way in which each São José de Pinho and Belém II, one develop the activity of extractivism. With the completion of the three interviews, important information was collected, such as the socioeconomic characteristics of babassu extractivism, in addition to identifying which by-products are made in the community with the participation of these women. To debate the theme, authors such as: BECKER (1996); CARRAZZA, SILVA, ÁVILA (2012); between others. Who see discussing the activity of babassu coconut developed mainly by women coconut breakers. As a result, it is clear that these women who spent their childhood living in the countryside depending on the activity of breaking the babassu nut, currently no longer depend on this activity, however, they continue for pleasure it is like a diversion, for them, the identity of coconut breakers coco remains, the culture remains, the love for the activity. Works of this nature are important because they rescue the process of construction of the identities of the subject of the place, valuing its culture and traditions.

Keywords: Babassu coconut breakers. Extractivism. Identity. Survival.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1:** Localização do Território dos Cocais dentro da área de ocorrência dos babaçuais segundo a Cartografia Social na Região Ecológica do Babaçu (2015).....16
- FIGURA 2:** (a) Registro do babaçal e (b) destaque para uma palmeira com babaçus.....16
- FIGURA 3:** Roda ilustrativa de como as mulheres quebradeiras de coco babaçu executam a atividade.....17
- FIGURA 4:** Destaque para os estados e os municípios de ocorrência dos babaçuais conforme a Cartografia Social dos Babaçuais (2015) 23
- FIGURA 5:** Localização do município de Codó com destaque no Território dos Cocais.....27
- FIGURA 6:** Tambor de metal, onde é feito o carvão.....42
- FIGURA 7:** Foto de uma forrageira (tritadora). Na casa de dona Delma.....43
- FIGURA 8:** Dona Delma (usando blusa azul) e dona Toinha no quintal da casa quebrando coco babaçu.....43

LISTA DE SIGLAS

ACTBB - Associação Comunitária dos Trabalhadores no Beneficiamento do Babaçu.

MIQCB - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

COPPALJ – Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco;

COPPAESP – Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativista de Esperantinópolis;

AMTR – Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues;

AJR – Associação de Jovens Rurais de Lago de Junco e Lago dos Rodrigues, Fruta Sã – Indústria, Comércio e Exportação LTDA;

AMAVIDA – Associação Maranhense para a Conservação da Natureza.

INCRA - O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	20
1. O EXTRATIVISMO DO BABAÇU NA CIDADE DE CODÓ-MA	20
1.1 A palmeira do babaçu como riqueza natural	20
1.2 A economia da cadeia produtiva do coco babaçu	25
CAPÍTULO II	29
2. O extrativismo do babaçu como atividade tradicional de mulheres rurais	29
2.1 O extrativismo do babaçu como atividade produtiva que garante renda as famílias de Codó-MA	32
2.2 O extrativismo do babaçu e a formação das identidades culturais em Codó-MA	33
CAPÍTULO III	37
3. HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
4. REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	54
Apêndice A	56
Apêndice B	57
Apêndice C	58
Apêndice D	59
Apêndice E	60

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como principal objetivo registrar a história de luta pela sobrevivência de três mulheres codoenses, senhoras Francisca Ferreira de Sousa, Delma Maria de Brito Santos e Edelania Silva Lima, estas se identificam como quebradeiras de coco babaçu.

A atividade da quebra do coco babaçu para essas mulheres era algo extremamente necessário, pois estava atrelada a garantia da sobrevivência das mesmas e de suas famílias. Eram mulheres que nas décadas de 1970 e 1980, não tinham outra fonte de renda, pois era a única garantia de no final do dia retornar para casa com alimento para a família. Uma rotina diária, que garantiu o sustento das suas famílias.

Para cumprir esse objetivo foi necessário ouvir, registrar e descrever a narrativa histórica de vida dessas três mulheres, bem como fazer levantamento bibliográfico e leituras sobre trabalhos que registram a história de luta e organização das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Durante esse processo de estudos e pesquisa buscou-se identificar os elementos que se somam para a composição das identidades culturais dessas mulheres, articulada a organização da Associação Comunitária dos Trabalhadores no Beneficiamento do Babaçu - ACTBB, e do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB.

Em décadas 70 e 80, mulheres quebradeiras de coco e que dependiam totalmente do extrativismo, enfrentaram muitos conflitos para terem acesso aos babaçuais e para preservação dos mesmos, como também pela posse de terras. Essa situação resultou em diversas formas de humilhação e violência para com as mesmas, por parte daqueles que se declaravam proprietários de terras, fazendeiros que proibiam as pessoas, especialmente mulheres, de acessar a terra para coletar o coco, pois as mesmas foram cercadas com arames farpados e vigiadas por jagunços.

Toda essa situação só veio amenizar a partir dos anos 1980 com a união e organização dessas mulheres, formando assim grupos para enfrentar a força opressora dos latifúndios.

A pesquisa é de natureza qualitativa, onde foi desenvolvida através de etapas distintas, com Revisão de Literatura, Histórias de Vida, registradas com o apoio de roteiro de entrevistas semiestruturada.

Na primeira etapa foi necessário a Revisão de Literatura para se obter mais conhecimento sobre o tema, através de artigos e livros, norteados por autores como: BECKER (1996), CARRAZZA; SILVA; ÀVILA (2012), CARTOGRAFIA SOCIAL NA REGIÃO ECOLÓGICA DO BABAÇU (2016), JOAQUIM NETO SHIRAIISHI (2015), MANZINI (1990/1991), TRIVIÑOS (1987), VALKIRIA AIRES VEIGAS (2015), VALVERDE (1957), dentre outras.

O recurso da história oral é um método que possibilita de forma segura ter o conhecimento de algo importante que aconteceu em algum momento no passado, mas que continua viva na memória do sujeito. A história oral nos transporta para o mundo imaterial e pode vivenciar algo que nunca foi concreto, mas que é uma herança cultural (GONÇALVES e et al”, 2007). O método da história oral utiliza diferentes técnicas de entrevista para dar voz a sujeitos invisíveis e, por meio da singularidade de seus depoimentos, constrói e preserva a memória coletiva. (GONÇALVES e “et al”, 2007, p.88).

Segundo Gonçalves e Lisboa (2007), é como processo metodológico que a história oral procura apresentar-se, e com isso, manter-se, com experiências vividas, lembranças daquelas pessoas que sem nenhum problema, de forma totalmente espontânea aceitam partilhar suas recordações com outras pessoas, e assim transmitir conhecimento de tudo que já viveu no passado.

O fato a considerar é que cada indivíduo tem sua história de vida própria, e caracteriza a sociedade a qual faz parte, mesmo vivendo no coletivo com outros indivíduos ou não, tem suas memórias de maneira diferente, e que pode ser em algum momento compartilhada, momentos esses que marcaram sua vida seja no trabalho ou na família. É a partir do momento em que se torna pública que podem estar de alguma forma ajudando na comprovação parcial de uma situação (GONÇALVES e “et al”, 2007).

A entrevista semiestruturada foi instrumentos que foi de fundamental importância para coleta de dados, assim como a descrição densa das atividades do cotidiano de cada uma das entrevistadas. A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. (MANZINI, 1990/1991, p. 154)

Dessa forma, é necessário que o pesquisador, construía perguntas predeterminadas para que se possa realizar uma boa entrevista e alcance o objetivo. Como foi o propósito dessa pesquisa buscando registrar as tradições, o dia a dia na extração do coco babaçu e a importância dessa atividade para a sobrevivência da família dessas mulheres.

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Conforme Triviños (1987), a entrevista semiestruturada deve ser utilizada porque, os questionamentos são de grande importância para o surgimento de novas hipóteses.

Procurou-se desvelar o local de trabalho dessas mulheres, saber como é a convivência no dia a dia, em família e em grupos, como são aqueles formados para realização da coleta e a quebra do coco na floresta do babaçu. No campo, quando foi possível e fui autorizada pelas mulheres a fazer, fiz o registro fotográfico de atividades e do ambiente natural em que desenvolvem as mesmas. Assim, procurou-se saber qual o destino da amêndoa, se é venda ou troca, se é a renda principal da família.

As principais interlocutoras desta pesquisa foram três mulheres quebradeiras de coco babaçu das comunidades de São José de Pinho e Belém II, município de Codó, Maranhão. Foram consideradas elegíveis aquelas que vivem uma parte da vida na cidade, e que não é mais dependente (economicamente) da quebra do coco; mulheres que, em algum momento da vida resolveram deixar a cidade e retornar para o campo por se sentirem melhor e em paz; a mulher que quebrou o coco durante muito tempo para vender e ter uma fonte de renda, e que mesmo estando hoje aposentada continua realizando essa atividade, quais sejam: dona Francisca Ferreira de Sousa, dona Delma Maria de Brito Santos e dona Edelania Silva Lima.

As entrevistas foram realizadas na própria residência dessas mulheres quebradeiras coco, respeitando o distanciamento e os protocolos de higiene, como o uso da máscara e do álcool gel, assim recomendado pela Organização Mundial de

Saúde – OMS, por conta da pandemia¹ do coronavírus. Na oportunidade conheci de perto suas histórias.

Cada uma delas apresentou suas características e personalidade próprias, mas com história de vida semelhantes e experiências de trabalho no extrativismo do babaçu.

De posse desse propósito busquei entender as tradições, os costumes, os valores, o dia a dia dessas quebradeiras de coco babaçu e seu trabalho coletividade para garantir sua existência, se organizando para garantir o direito de acesso ao babaçual.

Durante a pesquisa o pesquisador/a deve tomar algumas medidas para garantir que o ator social forneça todas as informações de que precisa, não omita nenhum fato, compare as informações recebidas com outras evidências e, finalmente, garanta que a interpretação do autor seja honesta. Segundo Cervo & Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador/a junto ao entrevistado/a, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto.

Conforme o autor, esse tipo de abordagem é a mais indicada na realização de uma entrevista, seguindo a ordem das perguntas, mais que essa ordem pode ser alterada, dependendo da conversa entre o entrevistador e o entrevistado (CERVO & BERVIAN, 2002).

Assim, a aproximação com as entrevistadas, de certa forma, foi enriquecedora. A história dessas mulheres me fez sentir parte dela, pois me traz a memória momentos os quais vivi na infância. Recordo que meus pais saiam todos os dias para trabalhar na roça, na quebra do coco, na usina de pilar arroz (minha mãe costurava os sacos para colocar o arroz), e geralmente, ela levava a mim e minhas irmãs. Quantas vezes o nosso pai nos levou com ele para a roça, para colher milho, feijão, melancia. O relato de cada uma delas, acabou enriquecendo tantas experiências pessoais e coletivas que entrelaçou com minhas memórias pessoais.

As justificativas para a realização deste estudo se devem ao fato de que no Território dos Cocais do Maranhão (Figura 1) a luta pela sobrevivência de muitas

¹ A Pandemia foi provocada por uma Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. (Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021).

famílias, especialmente as chefiadas por mulheres, passa pela extração do coco babaçu.

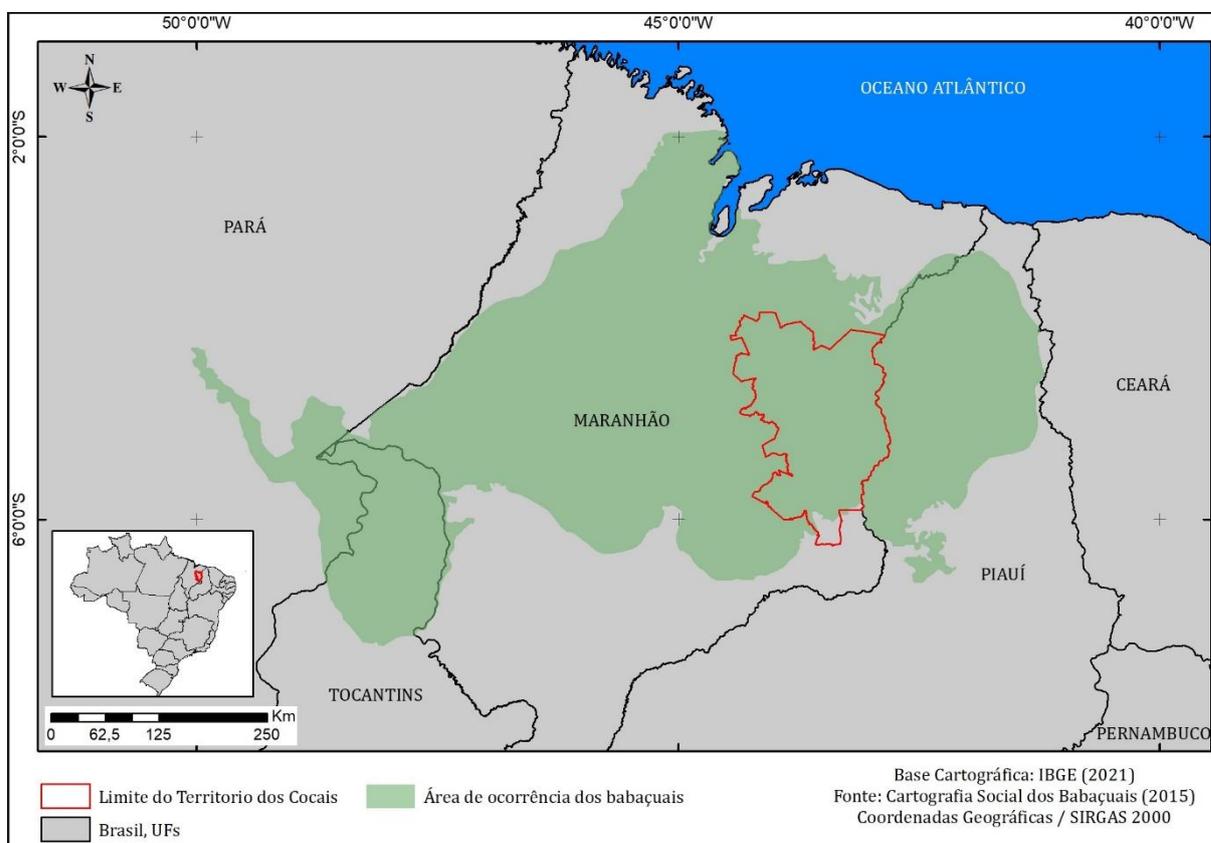


FIGURA 1: Localização do Território dos Cocais dentro da área de ocorrência dos babaçuais segundo a Cartografia Social na Região Ecológica do Babaçu (2015).

Na região também predomina uma vegetação de transição com a presença de espécies do Cerrado, Floresta Amazônica e Caatinga, rica em palmeiras de babaçu, como mostra o registro no terreno da dona Francisca, chamada Caeira, município de Codó.

FIGURA 2: (a) Registro do babaçual e (b) destaque para uma palmeira com babaçus.



Fonte: trabalho de campo da autora (2022).

O trabalho da derrubada, coleta e quebra do coco não é fácil. O desafio começa pela derrubada do coco babaçu na mata. Por serem árvores de estatura muito alta, é necessário jogar um pedaço de pau para conseguir derrubar os cocos, seguida da quebra do coco, que ocorre, de forma geral, em rodas coletivas compostas por mulheres, como ilustrado na figura 3.

Como afirma dona Francisquinha, que “as palmeiras são muito altas eu mesma não consigo derribar os cocos, tenho que esperar eles cair”.

As chamadas quebradeiras de coco babaçu são mais de 300 mil extrativistas do babaçu, mulheres e crianças que praticam a coleta e quebra do coco babaçu e que, até a década 1980, exerciam essa atividade sem uma expressão política isoladas entre si, num trabalho anônimo. (FIGUEIREDO, 2005,p.13).

Figura 3: Roda ilustrativa de como as mulheres quebradeiras de coco babaçu executam a atividade.



Foto: Carolina Motoki | Repórter Brasil. Quebradeiras de coco babaçu (2021).

A realização deste trabalho configura como importante registro da história dessas mulheres quebradeiras de coco, pois é uma atividade de grande importância econômica e cultural para a cidade de Codó. De acordo com Oliveira, (2019) o coco babaçu, é um dos produtos de maior riqueza produtiva nesta região, e com produção de comercialização nacional. Os produtos oriundos da palmeira têm grande variedade e são comercializados também no município.

O registro de trabalhos dessa natureza é importante porque resgata o processo de construção das identidades do sujeito do lugar, preservando-as para as gerações futuras, pois sabemos que vai ser de relevante contribuição para futuros pesquisadores realizarem trabalhos que registrem essa temática, fazendo com que, seja mais visível e reconhecido o trabalho das quebradeiras de coco no Território dos Cocais, em especial Codó.

O período da pesquisa de campo foi durante ano de 2021 e 2022, onde enfrentamos uma terrível pandemia, pois neste período, o contato com as pessoas se tornou praticamente impossível, devido ao isolamento social, então bateu aquela dúvida se continuava ou não.

Enfrentei muitos problemas para continuar fazendo esta pesquisa, como a dificuldade para conversar com algumas pessoas, devido estarmos passando por problemas de saúde pública. Tudo isso me induziu a querer desistir, pois sentir muito medo de enfrentar essa situação, por imaginar que poderia estar correndo um grande risco e ao mesmo tempo colocando as pessoas em risco.

Contudo, o interesse de pesquisar sobre a história de vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu foi mais forte. Como codoense e filha de uma quebradeira de coco, hoje aposentada, não trabalha mais com a quebra do coco. Na minha família também tem muitas pessoas que moram na cidade de Codó, e que para conseguir sobreviver trabalharam também com a quebra do coco babaçu, como por exemplo meus pais, minhas tias e tios, e assim eu cresci vendo a luta deles para criar os filhos, motivações que trago para os estudos acadêmicos.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo é intitulado “O extrativismo do babaçu na cidade de Codó – MA, onde falo sobre a metodologia e o processo de construção do objeto de estudo, onde discuto sobre o contexto histórico do coco babaçu. No segundo capítulo intitulado “A importância da atividade da quebra do coco babaçu na vida das mulheres e as influências na formação das identidades culturais na cidade de Codó – MA, discorro sobre a história de vida dessas mulheres quebradeiras de coco babaçu. E no terceiro capítulo intitulado “A história de vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu e a relação com a identidade cultural do lugar” onde o propósito foi problematizar o processo de construção da identidade cultural de quebradeira de coco babaçu através da história de vida destas três mulheres, bem como do trabalho coletivo no extrativismo do babaçu e da criação do MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco).

CAPÍTULO I

1. O EXTRATIVISMO DO BABAÇU NA CIDADE DE CODÓ-MA

Nesse capítulo apresento o panorama geral do extrativismo do babaçu como atividade produtiva e cultural das mulheres quebradeiras de coco. Estas enfrentam situações difíceis, como ter que ir colher os cocos trazer até o quintal de casa para quebrar, na maioria das vezes trazem o saco com cocos na cabeça, as vezes preferem quebrar lá mesmo no mato e conseqüentemente as dificuldades de acesso as florestas de babaçu.

A muito tempo as mulheres quebradeiras de coco babaçu veem lutando por melhorias, e devido a tantas dificuldades elas resolveram se unir e lutar por seus direitos, formando assim rede de cooperativas, associações, que defendem a criação de leis para acesso e uso sustentável das riquezas da floresta de babaçu.

1.1 A palmeira do babaçu como riqueza natural

Segundo as mulheres quebradeiras de coco babaçu, para além do que se possa imaginar, não se aproveita somente a amêndoa do coco, pelo contrário, tudo é aproveitado. A palmeira tem uma utilidade imensa e depois de muitos anos quando “cansada” de produzir, ela cai e vira adubo orgânico para a terra. Ela é comparada aos seres humanos, passa por algumas fases até chegar a fase adulta, onde dá os seus frutos, nasce, cresce, reproduz e morre. Desde cedo ela já é muito utilizada pelas mulheres.

Segundo Carraza; Silva; Ávila (2012), a cadeia produtiva do babaçu é uma das mais representativas do extrativismo vegetal no Brasil, em razão da área de abrangência da palmeira do babaçu (13 a 18 milhões de hectares em 279 municípios, situados em 11 Estados), bem como das inúmeras potencialidades e atividades econômicas que podem ser desenvolvidas a partir dela, de sua importância para famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência associada à sua exploração, e da forte mobilização social e política em favor do acesso livre aos babaçuais.

A palmeira do babaçu é mais que importante para as pessoas que vivem na região e dependem dela. De modo geral, a maioria da população (dos Cocais

maranhenses) termina por depender dessa atividade econômica, pois é da palmeira e de seu fruto que se produz uma variedade de alimentos e produtos industriais que geram uma renda a mais, como ocorre no município de Codó, Maranhão.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2016), em termos da quantidade produzida, indica tendência de queda progressiva a partir do final da década de 1980. Um dos motivos dessa brusca queda da produção de amêndoas se deu devido, os babaçuais serem fortemente derrubados, para serem substituídos por pastagem, as palmeiras são cortadas e com isso os/as extrativistas não tem matéria prima para seus subprodutos, em muitas situações obrigando as famílias a deslocamentos indesejados, para outros lugares em busca de palmeiras. O babaçu como um todo pode ser beneficiado, desde o caule até o fruto, suas aplicações variam da geração de energia passando por uma gama de produtos alimentícios, de beleza e de limpeza. (VALKIRIA AIRES VEIGAS, São Luis-MA, 2015).

O coco babaçu é uma riqueza natural que o Brasil possui, a palmeira do coco babaçu, nasce naturalmente e rápido, a maioria delas nascem espontaneamente, por isso que ninguém é dono delas, porém os proprietários da terra se sentem como donos, proibindo assim as mulheres de irem até as palmeiras para catar o coco, e assim poder ter o seu sustento.

Segundo Carazza (2012), apesar de sua ocorrência natural em abundância, é possível plantar e manejar o babaçu em áreas de produção, no período chuvoso, melhor época para o plantio. Enquanto muitas palmeiras estão produzindo seus frutos e garantindo o sustento de várias famílias, muitas outras pindobas (palmeira nova), já estão nascendo, crescendo e em pouco tempo substituindo-as, sempre que fazem a derrubada da palmeira original ou ela venha a cair por já ser tão velha, não demora muito para outras começarem produzir novos frutos.

Como afirma dona Francisca (2022), ratificada em Carraza; Silva; Ávila (2012).

O babaçu passa muitos anos desde o plantio até nascer aguardando um raio de sol que ajude no seu crescimento, mas aquelas que nasce num lugar limpo, ela sobe mais ligeiro e até com uns quinze anos ela já é adulta. (SOUSA, 2022).

O babaçu é muito conhecido entre populações tradicionais brasileiras, e dependendo da região, pode ser chamada também de coco-palmeira, coco-de-macaco, coco-pindoba, baguaçu, uauaçu, catolé,

andaiá, andajá, indaia, pindoba, pindobassu ou ainda vários outros nomes. (CARRAZA; SILVA; ÁVILA, 2012, p. 13).

Conforme os autores estudados, Carraza; Silva; Ávila (2012). Seus frutos (cocos) são muito apreciados, tanto pelo homem como pela fauna silvestre. Cada safra pode ter entre 3 e 5 cachos, e cada cacho pode produzir de 300 a 500 cocos. Existem cocos que possuem seis cinco amêndoas, outros têm quatro, tem com três amêndoas, duas e tem aqueles que tem apenas uma. Existem várias espécies, uma palmeira chega a produzir centenas de cocos.

O Brasil possui uma área extensa com palmeiras de babaçuais, abrangendo vários Estados como: Maranhão, Tocantins, Piauí, Pará. Para SILVEIRA.

O babaçu é uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Atualmente, é o segundo maior produtor florestal não madeireiro dos mais vendidos no Brasil e é encontrado, principalmente, em plantações conhecidas como babaçuais, concentradas nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí, havendo ainda presença de babaçuais na Bahia e no Ceará. (SILVEIRA, 2017, p.19)

Na figura 4 faz-se um destaque dos estados e dos municípios que fazem parte da área de ocorrência dos babaçuais. Com exceção de algumas áreas, basicamente em todos os municípios há a utilização variada do coco do babaçu como um produto de extrema importância para muitas famílias no dia a dia.

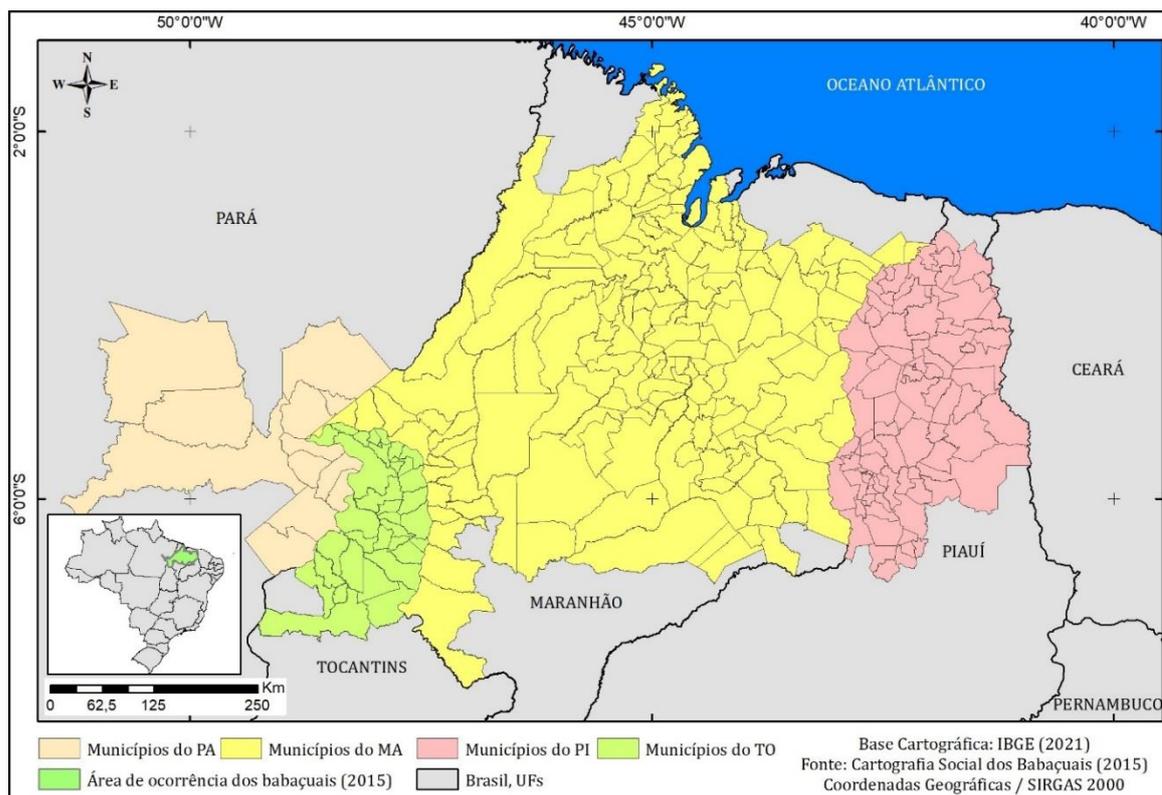


Figura 4: Destaque para os estados e os municípios de ocorrência dos babaçuais conforme a Cartografia Social dos Babaçuais (2015).

É nessas regiões que fica a grande concentração de palmeiras do coco Babaçu no Pará, Maranhão, Piauí e Tocantins.

Segundo Cartografia Social dos Babaçuais (UEMA, 2015). “Os babaçuais nascem espontaneamente na região e hoje ocupam mais de 25 milhões de hectares nos quatro estados, com diferentes densidades”, mesmo assim com essa imensa riqueza natural, ainda que, tendo tanto produto para ser utilizado, as quebradeiras de coco babaçu não conseguem ter uma vida mais prospera. Isso se deve, principalmente pela desvalorização de sua mão-de-obra, pois ganham pouco, por trabalho tão arduo, que não se traduz em valor monetário. Quem ganha bem na verdade são aqueles que se intitulam proprietários da terra ou os atravessadores de mercadoria, que se apropriam indevidamente do trabalho destas mulheres.

Para enfrentar as dificuldades de acesso a terra e aos babaçuais, garantir melhorias na cadeia produtiva do babaçu e buscar reconhecimento e benefícios, no campo das políticas públicas, desde 1991, o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu- MIQCB, foi organizado para representar essas mulheres, e se dedica à luta pelo direito dessas mulheres, que dependem da extração

do babaçu, onde vem alcançando algumas melhorias, como: a valorização do produto, evitar atravessadores indesejáveis na comercialização dos produtos, dentre outros.

Além dos fatores acima mencionados, essa atividade enfrenta o desinteresse pela atividade por parte dos/das filhas das extrativistas, pois não quiseram dar continuidade a atividade desenvolvida pelos pais. Muitos foram para cidade em busca de estudos, outras pessoas por participarem de programas assistenciais dos governos, como o programa bolsa família, ou por receber algum outro benefício, como por exemplo aposentadoria, pensão. Com isso, vai se construindo a ideia de que a quebra do coco permanece como prática cultural.

Uma vez disponíveis tais alternativas de renda mínima, a penosidade da quebra do coco, combinada com o ainda baixo retorno econômico da atividade, contribuiu para o desestímulo e desinteresse, sobretudo por parte das jovens, em se dedicar à atividade que, para as gerações de suas mães e avós, era primordial para a sobrevivência familiar (PORRO, 2019, p. 175).

As mulheres praticam essa atividade com muito orgulho, com prazer, por ser, segundo elas mesmas, trabalho honesto e que através do mesmo têm alcançado algumas melhorias para suas famílias.

A palmeira de babaçu, como planta nativa da região, é parte da vida dessas famílias — o conhecimento que as mulheres têm da palmeira é tão grande que ela é aproveitada de forma integral, gerando dezenas de produtos: da palmeira se usa a palha e o talo para fazer telhados e cercas para as casas, e quando mortas elas viram também adubo; do coco se extrai o mesocarpo; da amêndoa, leite, azeite e óleo, usados na alimentação (temperos, mingau, bolos etc.) e na confecção de óleos para limpeza e cosméticos. (JOAQUIM NETO SHIRAISHI, Artigo elaborado para ActionAid Brasil, 2015. p. 8).

Segundo Joaquim Neto Shiraishi (2015), a palmeira do coco babaçu tem grande destaque por suas inúmeras utilidades, podendo assim ser aproveitado quase tudo, é uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Além de fonte de riqueza, tornaram-se símbolos de estados como o Maranhão.

Por possibilitar usos diferentes, a palmeira é uma espécie muito importante na composição da renda familiar. Assim como o óleo de coco babaçu, todos os elementos da palmeira são utilizados pelas famílias envolvidas na atividade do extrativismo.

Dela são extraídos, hoje em dia, sobretudo o óleo empregado nas indústrias de comestível e de sabão, e a torta para a alimentação do gado. Poderão ser também obtidos por processos industriais diversos produtos, a glicerina, um sucedâneo de chocolate, o pixe, o carvão ativado (para descorante), combustível (como lenha ou matéria-prima para coque ou gasogênio), plásticos, capachos e escovas grosseiras (das fibras) (VALVERDE, 1957).

Atualmente, a principal utilização do babaçu consiste na produção de óleo, para fins culinários e industriais como o biodiesel, a partir das amêndoas. As demais partes do fruto oferecem perspectivas animadoras para a produção de carvão, alcatrão, gás combustível e álcool, para fins energéticos, ou de amido, com elevado valor alimentício e industrial, além da torta. (CASTRO,2012)

Como descrito são aproveitados a casca para produzir o carvão, já o sabão e o sabonete são feitos do óleo do babaçu, do mesocarpo se faz a farinha de babaçu, leite do babaçu, entre outros produtos, e a diversidade de produtos de artesanatos feito a partir das palhas da palmeira. Como afirma OLIVEIRA.

O processo de extração do coco babaçu, é um dos produtos mais importantes no ramo da economia local, e as palmeiras são de grande relevância na região do Nordeste, principalmente no Estado do Maranhão, que é reconhecida por muitos, como região dos cocais. (OLIVEIRA, 2019, p. 18).

1.2 A economia da cadeia produtiva do coco babaçu.

Sobre sua importância econômica ao longo da história, registra-se que foi no final do século XIX, onde há notável expansão. Ao longo deste período a economia teve uma queda significativa dos produtos principais para exportação, que era o açúcar e o algodão, abrindo espaço para a exploração no mercado da amêndoa do coco babaçu.

Com a necessidade de mão-de-obra, para explorar a cadeia produtiva do extrativismo, os proprietários de terras passaram a valorizar mais os agricultores extrativistas.

Como afirma REIS (2008, p.28), “Como consequência, os grandes proprietários instituem o pagamento de renda fundiária, o foro e o arrendamento, como condição de permanência das famílias em áreas privadas e a repartição do coco, a meia”.

Com isso os agricultores extrativistas não sofrem uma real ameaça de desocupação, pois os fazendeiros ainda percebem sua dependência em relação à mão de obra coletora. Permitindo assim que eles trabalhassem na terra ao mesmo tempo em que dali tiravam o seu próprio alimento, ao final um dependendo do outro.

Pode-se citar como exemplo dessa relação a renda fundiária, o foro, o arrendamento, bem como a meação do resultado da catação (REIS, 2008, p. 28). Porém, ao mesmo tempo, esses mesmos proprietários de terras aproveitaram-se da força produtiva dos agricultores extrativistas, obrigando-os a devolverem uma parte significativa de tudo que eles conseguissem arrecadar, na colheita e quebra do coco.

Ao longo de décadas o babaçu vêm sendo um dos principais produtos que contribui para a economia da cidade de Codó. As pessoas responsáveis pelo trabalho manual na cadeia produtiva do extrativismo do coco babaçu, são na maioria das vezes pessoas humildes, que não tem terra para trabalhar, e que dependem da terra dos outros para poder tirar o seu sustento, e geralmente na quebra do coco, e na agricultura familiar as mulheres é quem estão à frente dessa atividade. A maioria são mulheres, camponesas que trabalham diariamente com a quebra do coco, assim vai sendo considerada ao longo da história trabalho de mulher.

Em algumas situações o extrativismo do babaçu é considerado atividade econômica secundária na renda familiar, mesmo assim, não deixa de ter também a participação de homens e crianças exercendo essa atividade. Como enfatiza Barbosa (2007, p. 256), “pelo menos desde o século XIX, no Maranhão, há notícias sobre diferentes sujeitos lidando com esse recurso natural.”

Com o surgimento da cadeia produtiva houve incremento na renda economia das famílias que sobrevivem do babaçu, mas com o passar dos anos a famílias vem enfrentando uma escassez com a falta da palmeira nas regiões dos cocais.

Outra situação preocupante é a maior incidência de palmeiras com o coco em territórios privados (fazendas), onde os latifundiários não permitem a entrada das extrativistas. Esta situação tem pressionado as quebradeiras de coco babaçu a fazerem acordos desiguais com os fazendeiros, onde há expropriação de parte do trabalho das mulheres por aqueles que se declaram proprietários da terra.

De acordo com SILVA:

Os conflitos no campo se agravaram com a Lei de Terras Sarney, que alterou as relações entre extrativistas e proprietários de terra, principalmente pecuaristas que instituíram as cercas nas propriedades rurais. Os fazendeiros intensificaram o processo de opressão e exploração da mão de obra das quebradeiras, passando a cobrar o foro pelos plantios de roças, o arrendamento dos babaçuais, bem como a prática de quebrar “de meia” o coco coletado ou quebrado, e tantas outras formas de sujeição. (SILVA, 2020).

Com a falta do babaçu e do comprometimento da cadeia produtiva, fez com que a economia sofresse mudanças bruscas para as extrativistas do babaçu, despencando a renda, de forma que agravou a fonte de renda familiar.

O município de Codó, figura 5, está inserido no Território dos Cocais, dentro da área de ocorrência dos babaçuais, o que justifica o extrativismo do coco babaçu ter grande relevância para muitas famílias codoenses, pois os produtos derivados contribuem significativamente para a composição da alimentação, das famílias mais empobrecidas da cidade, de forma marcante aquelas que residem na zona rural. Essas famílias conseguem ter uma renda a mais, quem compra também ganha, pois é um privilégio ter produtos oriundos da palmeira do babaçu, uma riqueza natural para o comércio local, assim, são produtos que deixam o comércio mais atrativo.

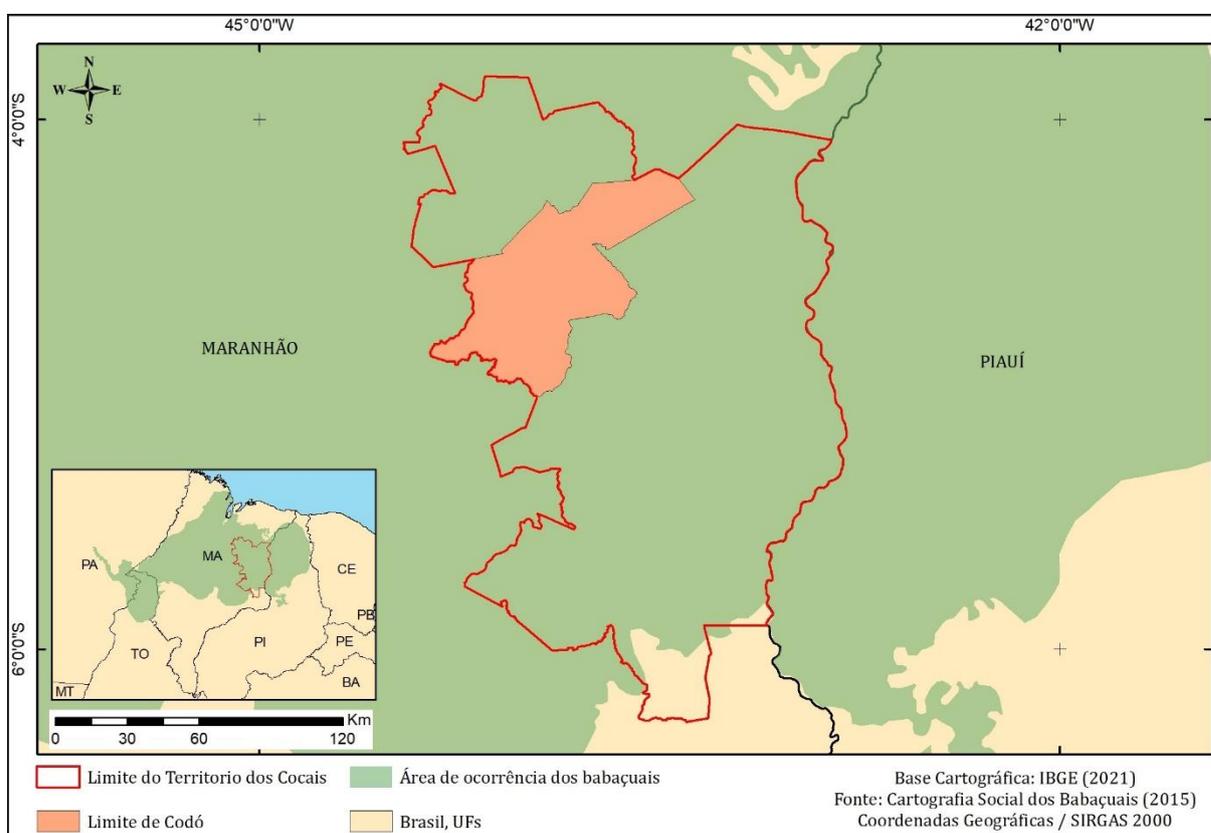


Figura 5: Localização do município de Codó com destaque no Território dos Cocais.

São comercializados no município vários produtos que são extraídos da palmeira de babaçu, e por abranger muitos usos diferentes, a palmeira exerce importância na vida familiar. Como afirma Oliveira:

O coco babaçu, é um dos produtos mais importantes no ramo da economia local, e as palmeiras são de grande relevância na região do Nordeste principalmente no Estado do Maranhão, que é reconhecida por muitos, como região dos cocais. OLIVEIRA (2019, p. 18).

De modo geral, a maioria da população local termina por depender dessa atividade econômica, pois é da palmeira e de seu fruto que se produz uma variedade de alimentos e produtos industriais que geram uma renda a mais no município de Codó, Maranhão.

Oliveira (2018, p. 36) entende que “mesmo o extrativismo sendo por vezes destacado como uma atividade suplementar à renda familiar há casos em que esta se torna o único meio de renda, ou seja, de sustento para uma família”.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2016) “Já em termos da quantidade produzida, a série histórica do IBGE indica tendência de queda progressiva a partir do final da década de 1980”. Um dos motivos dessa brusca queda da produção de amêndoas se deu devido, os babaçuais serem fortemente derrubados, para serem substituídos por pastagem. As palmeiras são cortadas e com isso as extrativistas não tem como sobreviver no lugar, são obrigados a se deslocarem para outros lugares em busca de palmeiras.

A partir da palmeira são produzidos e comercializados, na cidade de Codó, produtos como:

O óleo de babaçu é um dos produtos que despertam maior interesse, sendo utilizado amplamente pelas comunidades onde se encontram os babaçuais. Esse óleo é comestível, porém a principal utilização é na produção de sabão e cosméticos (SANTOS, 2022).

Observando os fluxos da produção e do comércio local e as informações com as interlocutoras da pesquisa é possível dizer que as mulheres quebravam o coco e vendiam a amêndoa (in natura) à preço que variava entre R\$ 0,50 (cinquenta centavos) à R\$ 1,00 (um real) o quilo. Da casca produzem carvão cuja lata de 20 litros custava em média R\$ 1,00 (um real). Da palha, muitas produzem artesanato como chapéu, abano, cofos, dentre outros, com preços variados. Também algumas aproveitam a palmeira morta, que produz adubo orgânico

para plantas, onde um saco de 60 litros custava em média R\$ 1,00 (hum real). A renda adquirida com a comercialização desses produtos chegava a uma média de R\$ 80,00 (oitenta reais) à R\$ 100,00 (cem reais) por cada quebradeira de coco babaçu.

As rendas que elas conseguem ter com a comercialização das amêndoas, geralmente ajudam em casa na compra de alimentos para a família, como açúcar, café, sal, alimentos que não conseguem produzir.

CAPÍTULO II

2. A LUTA E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU PARA MANTER SUAS ATIVIDADES TRADICIONAIS ENFRENTANDO O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO

No contexto de hoje percebe-se que houve grandes melhorias em relação ao trabalho tradicional das quebradeiras de coco babaçu, fruto da articulação do MIQCB das associações e cooperativas que vem organizando ao longo de décadas, com o intuito de melhorar suas vidas.

Partindo dessa premissa as mulheres quebradeiras de coco passam a ser compreendidas como os sujeitos do processo de luta pela terra, preservação e livre acesso aos babaçuais, o que as mobilizam em torno das reivindicações, somado às histórias de vida construídas em meio ao cenário campesino. (OLIVEIRA, 2018, p. 31).

Segundo os estudos realizados por pesquisadores da NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL, os relatos sobre os conflitos sociais oriundos da defesa do livre acesso e da preservação dos babaçuais existem a muito tempo.

O mapeamento social desses conflitos vem sendo realizado e divulgado, por pesquisadores, agentes sociais e movimentos sociais desde o final dos anos de 1980 e início dos anos 1990, quando essas mulheres, a partir de eventos e ações coletivas se articularam no Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). (CARTOGRAFIA SOCIAL NA REGIÃO ECOLÓGICA DO BABAÇU, 2016, p. 180).

Conforme Carrazza (2002, p. 08), o babaçu é o símbolo de luta de cerca de 400 mil mulheres organizadas pelo Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Elas lutam pelo livre acesso ao recurso que está cada vez mais inacessível em áreas privadas. Lutam ainda, segundo a cartilha da Nova Cartografia Social, (2016), “pela preservação dos babaçuais, pela garantia das quebradeiras de coco à terra, por políticas governamentais voltadas para o extrativismo [...] e pela equidade de gênero.

Ao longo dos anos não manifestam sinais de enfraquecimento de suas organizações e bandeiras de luta, do contrário, vem cada vez mais se fortalecendo e conquistando seu espaço, na sociedade.

O extrativismo do babaçu é um trabalho primordial desde o fim da escravidão, quando passou a ser trabalho em organização agrícola, e assumindo assim lugar nas relações de produção com o trabalho realizado em família. Conforme MESQUITA,

No centro dessa atividade e, também, da agricultura familiar estão as mulheres. Elas desempenham na agricultura uma dupla jornada, já que, além do trabalho produtivo propriamente dito (na roça e no extrativismo), são também donas de casa, educadoras etc. (MESQUITA, 2008, p. 57).

A forma como é realizado a extração e coleta do coco babaçu, feito manualmente, utilizando apenas um machado e um pedaço de pau (cacete), é um trabalho muito difícil que requer muita atenção, equilíbrio e rapidez, para conseguir retirar a amêndoa completa sem se machucar, e conseguir uma boa quantidade em menos tempo ao longo do dia. São características que se somam para identificar trabalho tipicamente de mulheres, naturalizando essa prática como trabalho de mulher na região dos cocais.

A valorização da palmeira do coco babaçu, os cuidados em preservar a natureza e o meio ambiente são também característicos da luta constante das mulheres. Pois a degradação ambiental da região a partir da expansão de grandes monoculturas e da derrubada dos babaçuais é uma questão que afeta o acesso das quebradeiras às palmeiras de babaçu. (SHIRAISHI, 2015, p. 9).

Nesse longo processo de desvalorização do trabalho da mulher se soma o fato de que a maioria dessas mulheres quebradeiras de coco, se identificam como mulheres negras, que sofrem muito preconceito, o que tem ganhado notoriedade como bandeira de luta dos movimentos sociais, em especial aqueles aos quais as quebradeiras de coco estão vinculadas.

Como afirma a autora Rebelo (2012), o termo “raça” traz o sentido político e social da luta das mulheres negras por igualdade e justiça social.

Assim acontece com as mulheres quebradeiras de coco babaçu, por se autodefinirem como descendentes de indígenas e de negros africanos escravizados, estão mais vulneráveis ao desrespeito à sua forma de vida, e ainda sofrem com o impedimento de adentrar nas áreas de ocorrência de babaçu e praticarem a atividade extrativa que garante o sustento da comunidade, que ao serem privatizadas as áreas de babaçu, as mulheres quebradeiras são expropriadas do seu meio de sobrevivência, e isto decorre do racismo ambiental. (REBELO, 2012, p. 31).

Neste estudo compreende-se que o racismo se manifesta através do preconceito. O preconceito está no olhar que temos sobre as pessoas, sobre os lugares que ocupam, no trabalho que realizam para sobreviver, na naturalização das desigualdades raciais. Já a discriminação é qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência fundadas na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica. (CENTRO DAS MULHERES DO CABO; MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU, 2010, p. 18).

Infelizmente, ao analisar a situação das quebradeiras de coco babaçu constatamos que, também, esse grupo de mulheres é vitimada do preconceito e discriminação, pela cor da pele e pela atividade produtiva que desenvolvem.

Estudos como o da REVISTA DEBATES INSUBMISSOS, (2021) demonstra formas de resistência:

O fato de áreas de domínio privado não impedir que essas mulheres exerçam suas práticas, coletiva ou individualmente, demonstra formas de resistência não só ao grande capital, mas também às questões de natureza micro, pois continuam se articulando como um ato que organiza sua existência como mulheres, negras, mães e esposas, que são, além de quebradeiras. (REVISTA DEBATES INSUBMISSOS, 2021, p. 121).

De forma emblemática, isso com relação as mulheres, guerreiras que são também quebradeiras de coco babaçu e enfrentaram grandes lutas para buscar valorizar a sua existência e o seu trabalho tradicional.

2.1 O extrativismo do babaçu como atividade produtiva que garante renda as famílias de Codó – MA

Retomando o debate sobre a valorização econômica do babaçu, foi a partir do final do século XX, que este começou a ser procurado, foi quando esse produto ganhou valor no mercado. O desenvolvimento da atividade com o coco babaçu incrementou a economia do estado do Maranhão, por volta dos anos 1930 servindo como solução para a recuperação da capacidade produtiva do país, havendo com isso uma tentativa de mecanização da atividade de extração. Dourado, afirma que:

Com o crescimento do negócio, logo se evidenciou a importância econômica que teria a quebra mecânica do coco. Apesar das inúmeras tentativas, nenhuma delas obteve êxito desejável; mesmo assim, o volume de amêndoas extraídas a machado não deixou de crescer, e

a economia do babaçu, ao lado da do algodão e do açúcar, contribuiu fortemente para a superação da crise generalizada resultante das mudanças no sistema de produção desencadeadas pela abolição da escravidão. (DOURADO, 2008, p. 50).

Foi também como uma alternativa de reestruturação e crescimento econômico quando a indústria têxtil maranhense faliu. O babaçu praticamente ficou mantendo a renda familiar no lugar do algodão e outros produtos por um período. Segundo (DOURADO, 2008) reforça que, historicamente, o babaçu tem sido de grande importância para a economia maranhense, principalmente na primeira metade do século XX, quando ganha espaço diante do predomínio do algodão e do arroz.

O contexto de expansão do extrativismo do babaçu, somado aos conflitos pelo acesso a floresta de babaçu foram elementos que impulsionaram a consolidação da identidade política das quebradeiras de coco. Esse contexto fez com que unissem forças e organizassem o MIQCB, assim formando uma rede de cooperativas, associações e comitês dedicados a lutar pelo direito a extração do babaçu.

Para Andrade (2005), “o processo de ‘libertação do babaçu’, como chamam algumas quebradeiras está entrelaçado com outras características dessa mobilização política, como a forte participação das mulheres”. Por isso, a Lei Babaçu Livre tornou-se a principal bandeira, pois até os dias de hoje muitas famílias ainda trabalham com a coleta e quebra do coco. Além do uso doméstico como alimento tradicional.

Da esfera doméstica ao universo das redes comerciais, seus usos e apropriações, particularmente pelas mulheres do campo, foram os mais diversos. Índícios apontam que, inicialmente, os camponeses coletavam o babaçu e extraíam a sua amêndoa principalmente para o autoconsumo. (BARBOSA, 2013, pag. 32).

2.2 O extrativismo do babaçu e a formação das identidades culturais em Codó-MA

A identidade cultural do indivíduo é formada a partir do momento em que ele passa a ter contato mais amplo com outros indivíduos, outras culturas, com a convivência na sociedade vai adquirindo novos hábitos e passa a ter uma ideia diferente, um novo olhar. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 2006, p. 11).

Para o autor citado acima o indivíduo possui uma natureza, um jeito seu de ser, mas que pode vir a ter modificação desde o momento em que esse indivíduo se envolve com o mundo cultural, que até então era desconhecido para si, e começa a conhecer uma cultura diferente e viver essa realidade. A identidade, segundo Hall: “É definida historicamente, e não biologicamente”. (HALL, 2006, p. 13). Ao longo da vida as pessoas tendem a passar por várias mudanças, e que nem sempre ficam com uma identidade fixa.

Quando ainda feto, a definição de seu gênero a partir do sexo já carrega uma carga cultural que é determinante na posição que aquele sujeito ocupará na sociedade. (WERLANG, SILVA. p. 3. 2016).

As mulheres quebradeiras de coco tomaram para si essa identidade cultural. Elas mesmas mulheres batalhadoras, que cuida da família, mais que estão também sempre na luta pelo babaçu em coletividade, buscando o reconhecimento da importância que o coco babaçu tem, uma riqueza pura e própria da terra utilizada por elas.

A igualdade e a diferença permeiam a todo o momento as tentativas de autorrepresentação por parte dos indivíduos. Assim uma identidade bem construída é aquela que delimitou os limites entre a individualidade e os grupos aos quais a pessoa está vinculada. (MACHADO, 2003).

Então, para se ter uma identidade social é necessário que esse indivíduo tenha uma relação contínua em grupos diferentes, interagindo uns com os outros. Como se percebe nas práticas coletivas das quebradeiras de coco babaçu. Uma pessoa fechada em seu mundo singular não vai ter nenhum progresso, se torna um indivíduo melancólico. Ao longo de sua luta e organização, as mulheres foram percebendo sua força coletiva, representada no MIQCB.

Para Barth, (2000, p. 21) “A necessidade da interação com o outro para reafirmar ou mesmo descobrir a própria identidade faz parte do exercício diário na antropologia”. A partir do momento em que ele se envolve com outras pessoas, ocorre o processo de transformação e socialização.

Em Hall (2006, p. 13), o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Segundo o autor os indivíduos estão em constante mudança e que não ficam com uma identidade única, e que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, o qual podendo sim se ter modificações

dependendo do momento, dos acontecimentos em volta desse indivíduo, pode passar por mudanças temporariamente.

O termo “quebradeiras de coco”, ligado a uma atividade econômica, aparece como uma forma de autodefinição. As quebradeiras de coco babaçu possuem uma identidade porque se definem e são definidas de tal forma (BARTH: 2000 pp.25-67).

A maioria das quebradeiras de coco vem passando seus saberes de geração para geração, passando de mães para os filhos essa tradição da quebra do coco, muitas delas iniciaram essa atividade ainda na infância, apenas vendo a mãe trabalhar, terminam aprendendo e assim dando continuidade à tradição.

As quebradeiras de coco babaçu impulsionaram e desenvolvem a criação de novos negócios como elemento agregador de suas identidades, como as cooperativas de produção.

Em 2009, para responder às necessidades de melhorar o acesso ao mercado para venda dos produtos do babaçu, o movimento criou a Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (CIMQCB), organizando-as em grupos comunitários produtivos para comercialização e beneficiamento dos subprodutos oriundos do aproveitamento integral do babaçu. (SHIRAISHI, 2015, p.11). Essas cooperativas são importantes, pois tem colaborado muito para o fortalecimento da identidade das quebradeiras de coco.

No Maranhão são seis as cooperativas que participam da organização da CIMQCB – Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco de Babaçu (Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí); COPPALJ – Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco; COPPAESP – Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativista de Esperantinópolis; AMTR – Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues; AJR – Associação de Jovens Rurais de Lago de Junco e Lago dos Rodrigues, Fruta Sã – Indústria, Comércio e Exportação LTDA; e AMAVIDA – Associação Maranhense para a Conservação da Natureza (CENTRAL DO CERRADO, 2014). Nessas cooperativas são processados os derivados do coco babaçu, que são o sabonete, sabão, azeite, farinha do mesocarpo, óleo, artesanatos, entre outros produtos.

Dona Delma Maria de Brito Santos, nos conta que “[...] antigamente, quando vinha uma pessoa de fora que você não conhecia, se você viesse com um cofo na cabeça e com um machado, você corria para se esconder, hoje não, você

acha que é trabalho como todos”. Essa declaração aponta que as aproximações entre elas geram um sentimento coletivo de que a atividade que elas desenvolvem é digna de reconhecimento e de valorização, pois existem a partir do que fazem como mulher e como extrativistas.

Elas mesmas reconhecem que anteriormente o trabalho da quebra do coco era muito desvalorizado, talvez por isso elas sentissem timidez em falar sobre o assunto. Hoje as quebradeiras de coco sentem orgulho de seu trabalho, pelas conquistas que elas já conseguiram.

Desse modo, é premente afirmar que são as próprias quebradeiras de coco, as instituições de luta. São elas quem fazem o movimento. Nesse sentido, o estado do Maranhão, por exemplo, foi constituído historicamente por reivindicações realizadas por elas, em prol da reforma agrária, do bem viver, da defesa da identidade dos povos tradicionais, das águas e das florestas. (REVISTA DEBATES INSUBMISSOS, 2021. p. 124).

As quebradeiras construíram sua identidade coletiva como mulheres, adultas e jovens, quilombolas, indígenas, agroextrativistas, mães, avós, filhas e companheiras e seu movimento vem contribuindo para a construção contemporânea da noção de “populações tradicionais” (Oliveira, 2011). Geralmente a atividade vem sendo realizada por pessoas do mesmo grupo familiar. A extração do coco babaçu é uma cultura tradicional, que envolve as mulheres de modo geral tanto crianças, adultas, mulheres quilombolas, também indígenas. Devido as diversas lutas essas mulheres incansáveis não desistem e se tornam cada vez mais responsáveis e independentes.

CAPÍTULO III

3. HISTÓRIAS DE VIDA E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA

Neste capítulo apresento os dados demográficos que compõem as identidades das mulheres quebradeiras de coco babaçu, tais como a idade, naturalidade, escolaridade, situação civil, identidade de cor e quantidade de filhos das mulheres que foram entrevistadas nesse estudo, assim como as atividades do dia a dia na quebra do coco babaçu.

Para Machado, (2003, p. 54), construir a própria identidade é, portanto, permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos.

Segundo dona Francisca Ferreira de Sousa, a qual se identifica como uma quebradeira de coco, tem 59 anos, casada, mãe de duas filhas, natural de Laranjeira município de Chapadinha, Maranhão, estudou até a 2ª série do ensino fundamental I.

Dona Francisca afirma que para ela é um enorme prazer ser uma quebradeira de coco, apesar de não precisar mais exercer essa atividade, porém ela continua quebrando coco por se sentir bem, por gostar mesmo. Ela viveu muitos anos na cidade trabalhando como comerciante, porém ela sempre se vê como uma quebradeira de coco, pois é com essa atividade que ela se sente feliz. A atividade da quebra do coco ela começou ainda muito pequena, ainda criança. Dona Francisca relata que:

Eu tinha uns 10 anos de idade os meus pais não tinham condição e era só do coco que poderiam tirar o sustento, ou você quebrava o coco ou passava muitas necessidades até mesmo fome. Pra tudo que precisava a renda era o coco, pra comprar o mantimento, o calçado, a roupa, a comida, deixei até de estudar para poder ajudar meus pais. Eu quebrava cinco quilo de coco o dia todinho, faltava não botar em casa né, o peso. De tão pequena cinco quilo de coco era muito peso pra mim. Hoje eu já não quebro tanto, mas eu ainda quebro coco, porque eu gosto, mais hoje a gente se mantém de outras coisas o coco não é mais a única renda como era naquela época. (SOUSA, 2022).

Continuando a entrevista com dona Francisquinha (como prefere ser chamada a entrevistada), ela nos conta um pouco como era o seu dia a dia, como

realizavam a atividade da quebra do coco, catavam os cocos e se reuniam, em grupo trabalhando e contando histórias, também relata que faziam o carvão da casca do coco numa caieira², e até hoje ela ainda continua com essa atividade. Dona SOUSA afirma que:

[...] a gente quebrava o coco para tirar o azeite, o óleo do coco é, que é o bom, tanto para temperar e também é um óleo muito saudável, eu uso o azeite de coco para fazer várias comidas inclusive, meus bolos de tapioca. E com a casca fazia o carvão lá no terreiro da casa feito no chão um buraco, onde é colocado as cascas e coloca o fogo no meio, depois cobre com folhas [...] e depois com a amêndoa extraída, do endocarpo [...] pode-se fazer excelente carvão com a chamada “caieira” (SOUSA, 2022).

Para autores como Carrazza, Silva, Ávila (2012, p. 32), “a amêndoa do coco babaçu é composta por mais de 60% de óleo rico em ácido láurico, utilizado na indústria cosmética e alimentícia”.

O leite de amêndoas de babaçu é um produto artesanal e sem conservantes, feito para consumo imediato após seu preparo. É muito importante destacar que o leite de babaçu não pode ser guardado por muito tempo. As mulheres quebradeiras de coco babaçu usam o leite (in natura) na culinária (Carrazza, Silva, Ávila, 2012, p. 38).

Dona Francisquinha nos diz que,

O leite a gente botava pra cozinhar com galinha, com carne de caça, quando tinha. Com o caroço a gente ia no comercio pra vender e com o dinheiro comprava comida ou trocava por alimentos como o açúcar o café, pra se sustentar era a renda que a gente tinha. (SOUSA, 2022).

Quando perguntada sobre o que ela mais gostava quando realizava a atividade da quebra do coco, a mesma respondeu,

Eu me sentia feliz, porque eu gostava muito de quebrar coco, até hoje gosto. Eu gostava quando a gente juntava bastante coco, convidava as amigas pra trocar, um dia elas vinham quebrava pra gente outro dia nós íamos quebrava pra elas, aí pagava a diária e assim era um divertimento pra nós, porque a gente amava o que fazia. [...] passava o dia todo no mato, o almoço que levavam era mesmo só uma

² Buraco feito no chão, o fogo de lenha é acesso; sobre as brasas resultantes da combustão da madeira, coloca-se o mesocarpo (essa técnica também é utilizada para queimar o coco inteiro – sem extração da amêndoa), cobrindo-o com terra até que todo o calor seja conservado para queimar o material. (IPHAN. 1937/2017. p.14. Brasil Governo Federal).

farinhazinha e não sentia nada era saudável, parece que a alimentação era mais forte as pessoas tinham mais saúde. (SOUSA, 2022).

Nota-se que diante das dificuldades para realização de seu trabalho as quebradeiras demonstram solidariedade de umas para com as outras, dividindo as amêndoas que encontram nas terras e o trabalho para quebrar o coco e produzir seus derivados. (OLIVEIRA, 2019, p. 44).

Eu não gostava quando o coco não largava da casca, aí quando ele era do caroço muito fino eu não gostava porque não tinha rendimento e isso é porque o coco não estava ainda no ponto murcho, porque quando a gente quebra ele bem murquinho já vai largando da casca, tinha também de guardar direito pra não estragar. (SOUSA, 2022).

Corroborando com a prática das extrativistas do babaçu, Carrazza, Silva, Ávila, (2012, p. 32), informam que as amêndoas expostas ao ar úmido por muito tempo ficam rançosas, pela ação de enzimas que acidificam seu óleo, formando ácido graxo e tornando-o impróprio para a produção de cosméticos e alimentos.

Sobre a comercialização do que produziam em excedente a entrevistada informa que,

Nós depois de quebrar o coco, eu e outras mulheres ia trocar no comércio, as vezes a gente levava um pouquinho de cada coisa que estava precisando, não dava pra levar um quilo todo, levava uma colher de café, meio quilo de arroz, meio quilo de açúcar, porque o dinheiro não dava muito e estava faltando tudo. E assim era todo dia. (SOUSA, 2022).

Para pesquisadores que já desenvolveram estudos junto as quebradeiras de coco babaçu constatam que, após a coleta, o método tradicional mais difundido é a quebra do coco para a extração das amêndoas, que é feita no chão do próprio babaçal. Os cocos são amontoados no pé de alguma palmeira e depois quebrados com o apoio de um machado e porrete. (CARRAZZA, SILVA, ÁVILA, 2012, p. 18).

Para quebrar o coco a gente quebra sempre com o machado, mudar mesmo não dá, porque é só com o machado mesmo que dá pra abrir o coco, mais pra gente não machucar tanto os dedinhos, o machado tinha que está bem amolado e muita atenção, eu mesma tenho um dedo cortado um pedaço. (SOUSA, 2022).

Quando interpelada sobre as possibilidades de sair do campo e morar na cidade, trocando as atividades do extrativismo do babaçu por outras, a entrevistada responde:

Aos vinte e dois anos eu fui para a cidade de Teresina, trabalhar de doméstica numa casa de família, depois de um tempo conheci um rapaz e fui morar com ele. Mudamos para a cidade de Codó, no ano de 1991, aí começamos a trabalhar com comércio, abrimos um pequeno comércio e ficamos trabalhando, tivemos duas filhas e através do trabalho com o comércio conseguimos pagar os estudos para elas e hoje estão formadas trabalhando e morando em Teresina PI. Depois de 25 anos trabalhando com o comércio então resolvemos voltar para a zona rural, hoje já estamos aposentados e era o nosso sonho ter um lugarzinho mais tranquilo para viver, a vida da roça, criando nossas galinhas, porcos, hoje quebro coco não por necessidade, mais porque é pra mim uma atividade que gosto, quebro coco mais por esporte, hoje temos paz, aqui não tem barulho de nada só das palmeiras balançando pra lá e pra cá [...] Faço os canteiros com o estrume da palmeira, a casa das galinhas é coberta com as palhas das palmeiras, tiro o azeite, faço carvão, faço abano. O coco babaçu é uma riqueza pra mim. Hoje eu vendo o carvão, o azeite e chego a tirar uns quatrocentos reais por mês, não que eu saí vendendo mais as pessoas que vem aqui e querem comprar e assim é bom que já é uma ajuda a mais. (SOUSA, 2022).

Dona Francisquinha nos diz que lá no interior eles se intertem³ tanto com seus afazeres, que faz com que o tempo passe rápido e também percebi que a família além da atividade com o coco babaçu, também cria animais de pequeno porte como: galinhas, porcos, capote, criação de peixe em um açude próximo a residência deles, atividades típicas da agricultura familiar. “Aqui a gente tem de tudo, não precisa a gente tá todo dia na cidade, hoje a gente pode comer uma comida mais saudável” (SOUSA, 2022).

Segundo a lei criada pelo governador Flávio Dino⁴, a qual essa dá oportunidade às famílias que dependem da agricultura para sobreviver, a oportunidade de poder comercializar seus alimentos, podendo assim alcançar uma renda ainda melhor. Lei de número 10.322, de 24 de setembro de 2015, que dispõe sobre a Criação do Programa de Transferência de Renda na Agricultura Familiar, no âmbito do Estado do Maranhão. Tem sido de grande importância, para o crescimento da produção da agricultura família e um incentivo a mais para os pequenos produtores permanecerem produzindo no campo.

Sobre a comunicação e o acesso às informações, perguntei porque eles não usam televisão, como eles conseguem viver isolados, sem notícias, sobre o que acontece em outros lugares do mundo, ao que respondeu. “Aqui a gente não tem

³ Entretêm: distrair, divertir, servir de recreio, de passatempo.

⁴ Flávio Dino de Castro Costa (PCdoB) governador do estado do Maranhão no período de 2015 a 2022.

televisão não queremos, nós saímos da cidade pra ter uma vida tranquila, os jornais só mostram mais é coisa triste, muita violência e a gente não quer ficar assistindo essas coisas”. (SOUSA, 2022).

Frente a crescente violência no ambiente rural, perguntei se não achavam perigoso só eles dois, morarem sozinhos em uma comunidade, pois suas casas ficam bem distante uma das outras, havendo extensa área de mata fechada, onde habitam vários animais, como cobras peçonhentas. Eles mesmos contam que já encontraram rastro de cobra no terreiro de casa. “Deus é quem nos protege e temos muitos cachorros aqui” (SOUSA, 2022). Reforçou ainda que eles têm vizinhos nas proximidades, e que a única tecnologia que eles têm ali é uma torre para captação de sinal para o celular simples, para assim manter a comunicação diária com as filhas que residem em Teresina.

Prossigo relatando a história de dona Delma Maria de Brito Santos. Devo ressaltar que foi um momento desafiador, pois entrevistar para mim é sempre aquele momento sensível, difícil de se enfrentar, porque surge as dúvidas por parte das entrevistadas, ao falar. Senti medo de não ser aceita ou compreendida nas intenções da pesquisa. Algumas das quebradeiras de coco são resistentes quanto a sua identificação, frente a visibilidade de como são representadas publicamente. Mas, encarar os medos foi necessário para ambas, porque além de tudo isso existe uma história extraordinária que, somente em contato com a pessoa que experienciou a situação pode falar com propriedade. Assim, busquei conduzir a entrevista conversando de forma descontraída.

Dona Delma Maria de Brito Santos, é uma quebradeira de coco com muito orgulho, segundo ela mesma. Quando perguntei como ela se identifica ela respondeu: Eu sou Delma, sou quebradeira de coco, resido no Belém II, sou do dia 22 de junho de 1962, tenho 60 anos, sou casada, tenho cinco filhos, estudei apenas até a 4^o série. Ela afirma nunca ter feito parte da Associação das Quebradeiras de Coco.

Não faço parte de Associação das Quebradeiras de Coco. Eu sou socia da comunidade Santo Expedito lá do Belém, nós quebramos pra nós mesmo não é pra comparativa não, cada qual quebra pra si e trabalha pra si, e cada qual pode catar os cocos porque é comunidade e a comunidade é grande. (BRITO SANTOS, 2022)

Quando você começou a quebrar coco, quantos anos tinha? Dona Delma responde:

Minha mãe quebrava o coco e me dava a bandinha pra mim tirar a amêndoa, e eu estudava pela manhã desde os seis anos de idade, é a idade média com que as crianças iniciam a quebra de coco babaçu, naquele tempo a criança se influía mesmo pra trabalhar era aquilo ali, e hoje que as coisas tá mais fácil o povo não quer mais trabalhar (BRITO SANTOS, 2022).

Sobre a coleta do coco a mesma destaca um diferencial com relação a liberdade para explorar todo o terreno da comunidade, pois eles vivem em comunidade.

Perguntei quantos quilos de amêndoas do coco babaçu ela consegue quebrar em um dia, e o que essa quantidade dá para fazer? Ao que responde.

Olha quando a quebra é da boa, eu digo da boa é que a gente acha muito coco e os cocos estão tudo bom. Ah, num dia eu quebro 6 quilos num mínimo né, quando a gente anda procurando, e esses seis quilos dá pra fazer três litros de azeite, dá pra fazer carvão, eu quebro direto na minha casa não falta azeite e carvão. (BRITO SANTOS, 2022).

Figura 6: Tambor de metal, onde é feito o carvão.



Fonte: trabalho de campo (2022).

Atualmente, dona Delma e seu esposo, fazem o carvão em barris de metal, segundo ela, isso exige menos trabalho e rende mais o carvão. “No tambor é melhor pra assar, enche de casca coloca o fogo é só colocar a tampa em cima e cobrir com areia, o carvão fica bem inteirinho” (BRITO SANTOS, 2022).

Quanto a renda da quebra do coco, perguntei por quanto você consegue vender o azeite e o saco de carvão?

Com a produção do azeite o qual vendemos a 15 reais e com o saco de carvão que nós também produzimos da casca do coco, nós vendemos 35 reais um saco, é uma boa ajuda na nossa renda. [...] era só com o pilão hoje a gente trabalha com a forrageira que é mais rápido e prático. (BRITO SANTOS, 2022).

No processo de produção do azeite, depois de torradas, coloca as amêndoas para escorrer numa peneira, depois leva para a forrageira (figura 7) para ser trituradas. Ao passar por esse processo o resultado é uma bôrra, um líquido grosso e bem escuro e logo em seguida é colocado numa panela para cozinhar com água. Devido à diferença de densidade, o óleo separa-se da água após a fervura e concentra-se na superfície. Então neste momento, ela retira com cuidado o óleo e o coloca em outra panela, onde realiza a conhecida etapa de apuração, que consiste na evaporação da água restante no óleo. Nessa fase, a família usa um pouco de leite de

coco (as amêndoas são processadas no liquidificador, com adição de água) para deixar o produto mais limpo.

Figura 7: Foto de uma forrageira (trituradora), na casa de dona Delma.



Fonte: trabalho de campo (2022).

Como lembra Figueiredo (2005), mesmo sem valor de mercado, ou com valor inexpressivo, algumas mulheres continuam a quebrar coco. Com o pouco que recebem realizam despesas não visíveis no cálculo econômico da família. Assim reforça dona Delma “Já faz 10 anos que nós estamos trabalhando fixo lá. Hoje eu e meu esposo somos aposentados e quebramos o coco por gostar mesmo” (BRITO SANTOS, 2022).

Figura 8: Dona Delma (usando blusa azul) e dona Toinha no quintal da casa quebrando coco babaçu.



Fonte: trabalho de campo (2022).

É durante a atividade de quebra do coco que as mulheres também conversam sobre diversos temas, trocam informações e se desconectam da vida fora

das florestas de babaçu. “[...] eu vou pro mato mais as colegas, a gente leva uma comidinha pra merendar e passa a tarde toda quebrando coco contando história é uma alegria grande, as vezes a gente fala, nós aqui dentro desse mato numa alegria mais grande do mundo” (BRITO SANTOS, 2022), relata manifestando felicidade e satisfação com o feito.

Sim, meus filhos estão aqui na cidade não querem ir pra lá uns já casaram outro se formou tá trabalhando e por isso tenho que vir aqui onde eles, de vez em quando (BRITO SANTOS, 2022).

A história de dona Delma se soma a de várias outras quebradeiras de coco babaçu que, apesar de ter tido oportunidade de migrar para a cidade decidiram não abandonar a vida simples do campo, optando por trocar a agitação da cidade pela tranquilidade do campo.

Estamos relatando histórias de vidas de mulheres, que embora adultas, aposentadas, apresentam-se cheias de energia, conseguindo realizar várias atividades durante o dia. Seu dia sempre é muito produtivo, sem perda de tempo, não dependem de ninguém, tem domínio próprio sobre suas vidas, gozam de liberdade para lutar, pelos seu próprio reconhecimento, também naquilo que consideram fazer de melhor como cuidar da natureza, dos filhos, do marido, da casa.

Prossigo agora com a história da jovem Edelania Silva Lima, conhecida como Dedé, de 37 anos, casada, mãe de três filhos, e que se identifica como quebradeira de coco, natural da comunidade Novo Mundo, município de Codó, e residente na sede da cidade.

Segundo Machado (2003), embora exista em cada indivíduo um senso de individualidade, a construção do autoconceito é inseparável do outro; portanto as experiências de socialização constituem o principal referencial para formação das identidades dessas mulheres.

Edelania participou da quebra do coco quando criança, depois ficou afastada por um tempo, por motivos não revelados, porém isso não afetou sua identidade de mulher quebradeira de coco.

Desde criança acompanhei minha mãe na quebra do coco, comecei a estudar somente com 13 anos de idade, quando vim pra cidade ai estudei até o ensino médio. [...] Minha mãe é que trabalhava para a

nossa sobrevivência, a renda era do coco, somos gratos por poder tirar da palmeira do babaçu o nosso sustento, fazia azeite carvão, também a gente trocava o coco quebrado por alimento, a quebra do dia era para garantir a janta, o almoço, a gente não ganhava muito não, mais era assim que a gente arrumava a comida o que também nos ajuda muito é a roça (LIMA, 2022).

Dona Edelania relata com dor a situação de ter que abandonar sua comunidade de origem para ter oportunidade de estudar. Assim como, com a maternidade de um filho especial ter acesso a estrutura estatal de apoio para os cuidados com o filho.

Eu vim pra cidade casei, tive três filhos, o meu filho mais velho é especial. Ele nasceu com calcificação no cérebro paralisa cerebral, ele depende de mim pra tudo, não anda, não fala, passei um bom tempo sem ter filhos cuidando dele, deixei tudo de lado, trabalho, estudo, pra cuidar dele. [...] Sim, hoje recebo o benefício dele, como não tive mais, condições pra continuar trabalhando, graças que recebo esse benefício (LIMA, 2022).

Embora nem ela e a família sobrevivam especificamente da quebra do coco, Edelania relata com muito entusiasmo as melhorias que as populações do campo têm conquistado. Através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão responsável pela formulação e execução da política fundiária nacional, ela afirma que:

Hoje esposo trabalha na comunidade São José de Pinho, o governo nos deu uma casa pra gente morar, fez poços artesianos para que a gente possa trabalhar, Por isso que hoje a gente tem condição de fazer sítios plantação de bananas, de coco, canteiros de tudo que se planta lá principalmente no inverno dá (LIMA,2022).

O programa, tem beneficiado muitas famílias, com moradia, terra e água para trabalhar, incentivos financeiros, com financiamento para pequenos projetos produtivos.

A gente pode trabalhar à vontade com o que quiser tudo que a gente colhe da terra é nosso vendemos e assim conseguimos ter uma renda melhor, a gente faz roça, e também a quebra do coco nos ajuda muito, tanto para nos alimentar como também como uma renda a mais (LIMA, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo percebi que mulheres extrativistas enfrentaram muitas lutas, sofreram bastante, e por isso desenvolveram estratégias de resistência, lutando em grupo para conseguir melhorias para a vida de todas.

O desenvolvimento de uma consciência coletiva fez com que essas mulheres trabalhadoras rurais se organizassem em movimentos, que defende a identidade de ambas e reconhecendo-as como quebradeiras de coco babaçu.

As quais lutam desde a infância, quando acompanhavam suas mães na atividade da quebra do coco, tudo para conseguir sobreviver, ter uma independência financeira, por isso que culturalmente desenvolvem as atividades e, mesmo frente a uma melhor condição de vida não abandonam as atividades do extrativismo do babaçu, por ser atividade que guardam como herança cultural de suas antepassadas.

A identidade da mulher que sobrevive da quebra do coco babaçu é a das mulheres que contribuem para o sustento de suas famílias, através de suas lutas conseguem conscientizar as pessoas sobre a importância do seu modo de vida e da geração de riquezas, preservando a natureza.

O que chama atenção também é o fato dessas mulheres assumirem uma identidade de quebradeira de coco, manifestando prazer no desenvolvimento dessa atividade, não tendo vergonha alguma do que fazem, mantendo-se nesse trabalho, mesmo, hoje, não dependendo financeiramente da quebra do coco.

Ainda existem muitas mulheres dependentes dessa atividade para sobreviver, portanto a luta que travam é para que o reconhecimento de suas identidades possa lhes valer a inserção em programas de governo que lhe possa garantir complementação de renda. Pois estas mulheres são peças fundamentais no processo de conservação dos babaçuais, e na diversidade de produtos que são fabricados no extrativismo do babaçu de forma artesiana.

REFERÊNCIAS

AYRES Júnior, José costa. **A organização das quebradeiras de coco babaçu e a refuncionalização de um espaço regional na microrregião do médio Mearim maranhense**. Florianópolis-SC. P. 49 2007.

BARBOSA de Oliveira Viviane. **Trabalho, Conflitos e Identidades numa terra de babaçu*** Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ver BARBOSA. Ano 2007, pag. 264, 256.

BARBOSA de Oliveira Viviane, **MULHERES DO BABAÇU: Genero, materialismo e movimentos sociais Maranhão**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação e, História da Universidade Federal Fluminense. Ano 2013, pag.14

BARBOSA de Oliveira Viviane, **MULHERES DO BABAÇU: Genero, materialismo e movimentos sociais Maranhão**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação e, História da Universidade Federal Fluminense. Ano 2013, pag. 32

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

Brasil. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. Guia de vigilância epidemiológica Emergência de saúde pública de Importância nacional pela Doença pelo coronavírus 2019 – covid-19** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CARRAZZA, Luís Roberto; SILVA, MARIANE Lima da; ÀVILA, João Carlos Cruz. **Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Babaçu**. Brasília - DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Brasil, 2012.

CARTOGRAFIA SOCIAL NA REGIÃO ECOLÓGICA DO BABAÇU: **Estratégias de quebradeiras de coco e processos sociais atinentes aos babaçuais**. R. Pol. Públ. São Luís, Número Especial, p. 179-188, novembro de 2016.

CARTOGRAFIA SOCIAL DOS BABAÇUAIS. **Mapa da Região Ecológica do Babaçu**. São Luis: PNCSA/UEMA, 2015 (no prelo).

CASTRO, Kélvia Jácome de, 1983- C355t **Torta de babaçu: consumo, digestibilidade, desempenho, energia metabolizável, energia líquida e produção de metano em ruminantes** / Kélvia Jácome de Castro. – 2012. p. 16 : il.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

Cultura e identidade [recurso eletrônico]: **subjetividades e minorias sociais** / Flavio Ferreira Lisboa Filho, Thomas Josue Silva, (orgs.). – Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2018.1 e-book. p. 77.

CHAYANOV, Alexander. **Sobre a Teoria dos Sistemas Econômicos Não Capitalistas**. In: SILVA, José Graziano da (org.), STOLKE, Verena (org.). A Questão Agrária. Brasiliense, 1981. São Paulo. P. 133-163.

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS – DESER; SECRETARIA DE AGRICULTURA FAMILIAR/MDA. **A cadeia produtiva do babaçu**: estudo exploratório. Convênio MDA 112/2006. Curitiba, PR: DESER, 2007.

DOURADO, José Ribamar. **A indústria do Maranhão: um novo ciclo** / José Ribamar Dourado, Roberto Guimarães Boclin. – Brasília : IEL, 2008.p. 49

F. C. Chaves & O. B. N. de Lira. As quebradeiras de coco babaçu do município de Babaçulândia: Uma história de perseverança. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.6, n.4, Pub.5, outubro 2013.

FIGUEIREDO, Luciene Dias. **EMPATES NOS BABAÇUAIS**. Do espaço doméstico ao espaço público - lutas de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão / Luciene Dias Figueiredo. – Belém, PA: UFPA – Centro Agropecuário: Embrapa Amazônia Oriental, 2005, p. 13. ... f. : il.

Flávio Dino. Governador do Estado do Maranhão. **Dispõe sobre a criação do Programa de Transferência de Renda na Agricultura Familiar, no âmbito do Estado do Maranhão, e dá outras providências.** Marcelo Tavares Silva. Secretário-Chefe da Casa Civil. Publicado no DOE - MA em 25 set 2015.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katál**, v. 10, n., p. 88, 2007.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Pag. 11, 13.

HAVILAND, J. M. et al. The place of emotion in identity. *Journal of Research on Adolescence*, n. 4, p. 503-18, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2016** Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/quadros/brasil/2016> Acesso em: 15 fev. 2018. <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/quadros/brasil/2016>

MACHADO, Hilka Vier **A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise** RAC - Revista de Administração Contemporânea, vol. 7, núm. spe, 2003, p. 54 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração Rio de Janeiro, Brasil, p. 54,55.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MESQUITA Benjamin Alvino de. **AS MULHERES AGROEXTRATIVISTAS DO BABAÇU: a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente.** Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luis, 2008, p. 57)

MINISTÉRIO DA CULTURA Marcelo Calero Faria Garcia PRESIDÊNCIA DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. 1937/2017. p.14. Brasil Governo Federal.

OLIVEIRA, Fernando José Vianna. **As Quebradeiras de Coco babaçu e a Lei do Coco Livre**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 22 jun. 2011. Disponível em: . Acesso em: 14 set. 2015.

OLIVEIRA, Nathália Cristielle Mouzinho.de. Organização de mulheres: desafios e perspectivas para a consolidação da identidade das quebradeiras de coco babaçu no bairro Codó Novo, Codó-MA. 2018, p. 31.

OLIVEIRA, Valdiane da Cruz. EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA / - 2019. p.22.

ANDRADE, Maristela de Paula. FIGUEIREDO, Luciene Dias. **Na Lei e na Marra – a luta pelo Livre acesso aos babaçuais**. Rio de Janeiro, Action Aid Brasil, Cd, 53,56p. 2005.

PRESIDÊNCIA DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Universo cultural da palmeira do babaçu**.1917/2017. p.14. Brasil Governo Federal.

PROGRAMA DE ESTUDOS DOS NEGÓCIOS DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL – PENSA/USP. **Reorganização do agronegócio do babaçu no estado do Maranhão**. São Paulo, SP: USP, 2002.

PORRO, R. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 1, p. 169-188, 201.

REVISTA DEBATES INSUBMISSOS, **Quebradeiras de coco babaçu do estado do Maranhão: repertórios de luta e resistência**. Caruaru, PE. Brasil, Ano 4, v.4, nº 12,

jan./abr. 2021. p. 121, 124. ISSN: 2595-2803 Endereço:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>.

REBELO, Maria de Nazaré de Oliveira, 19 – Representações sociais, cotidiano e práticas políticas de mulheres quebradeiras de coco babaçu do estado do Maranhão / Belém – PA. 2012.

REIS, Renata Cordeiro. **Velhos conflitos em novas causas: um estudo sobre processos de ambientalização nos discursos do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu no Maranhão/ São Luiz, 2008.** 114 f.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Babaçu"; *Brasil Escola*. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/babacu.htm>. Acesso em 27 de novembro de 2022.

SILVA, Ariane Gomes da. **LEI BABAÇU LIVRE NO MUNICÍPIO DE LAGO DO JUNCO.** Outubro 2020 Município de Lago do Junco, Maranhão

SILVA, Miguel Henrique P. e; ARAÚJO, Helciane. **Agro extrativismo: uma alternativa sustentável para a produção familiar na região dos babaçuais –** Agriculturas – v. 1 no 1 - novembro de 2004.

SILVEIRA, Theciane Silva. **MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS: UM ESTUDO DA SINPNÍMIA NA TERMOLOGIA DO BABAÇU/** Theciane Silva Silveira.- são Luís, 2017.

SHIRAISHI NETO, Joaquim. **A Luta das Quebradeiras de Coco Babaçu pela Garantia do Livre Acesso e Uso Comum dos Recursos Naturais: experiências com as leis do “Babaçu Livre” e as Reservas Extrativistas.** Artigo elaborado para ActionAid Brasil, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VALVERDE, Orlando. **Geografia Econômica e Social do Babaçu no Meio Norte**. In: Revista Brasileira de Geografia, IBGE, ano XIX, n. 4, out./dez. 1957, p. 381-416.

VALKIRIA, Aires Veigas, **Estratégias de design sustentável para a valorização dos recursos locais a partir do estudo da cadeia do babaçu no município de Itapecuru Mirim**. - São Luís - MA, 2015.

WERLANG, Alessandra Pereira 2 SILVA, Alexandre Rocha da. Intercom – **O Nomadismo do Gênero como Fuga da Normalização dos Corpos**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo SP – 05 a 09/09/2016 American Reflexxx: 1 3 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

ENTREVISTADAS

LIMA. Edelania, Silva. Entrevista. Ano 2022

BRITO SANTOS, Delma Maria de. Entrevistada. 2022.

SOUSA, Francisca Ferreira de. Entrevistada. 2022.

APÊNDICES

Apêndice A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/ CAMPUS CODÓ-MA

CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – HISTÓRIA

MONOGRAFIA: 2020 – 2022

TÍTULO: HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDEANA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdinea da Cruz Oliveira de Sousa/ Matrícula: 2016045366

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Nome:	
Data de Nascimento/idade	
Escolaridade:	
Endereço(complemento):	
Cargo/Função:	

Apêndice B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/ CAMPUS CODÓ-MA

CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – HISTÓRIA

MONOGRAFIA: 2020 – 2022

TÍTULO: HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDEANA

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdinea da Cruz Oliveira de Sousa/ Matrícula: 2016045366

Roteiro de Entrevista

Dados coletados para a elaboração deste estudo monográfico para melhor desenvolvimento da pesquisa.

1° Como você identifica?

2° Quando você iniciou a atividade com o coco babaçu?

3° Quais atividades são realizadas com o coco babaçu na sua comunidade?

4° Como vocês se sentem sendo quebradeira de coco babaçu?

5° O que você mais gosta na atividade de quebra de coco?

6° O que você não gostava?

7° Quando vocês iam trocar o coco por alimento como era a troca?

8° O que deve ser feito pra melhorar o trabalho?

9° Quando foi que você saiu da zona rural e foi para a cidade?

10° Atualmente dá pra ganhar um dinheiro com seu trabalho na quebra do coco?

11° Você em algum momento fez parte/participou de movimentos em defesa das atividades do coco babaçu? Como foi esse momento?

Apêndice C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA, CAMPUS VII
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS – HISTÓRIA

MONOGRAFIA: 2021 – 2022

TÍTULO: HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADOURAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdineia da Cruz Oliveira de Sousa **MATRÍCULA:**
2016045366

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu, **Edelania Silva Lima**, autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa: **HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADOURAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA**, da Valdineia da Cruz Oliveira de Sousa, sobre a Orientação da Profa. Dra. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus VII

Edelania Silva Lima

Codó – MA
29 de dezembro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA, CAMPUS VII
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS – HISTÓRIA

MONOGRAFIA: 2021 – 2022

TÍTULO: HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdinea da Cruz Oliveira de Sousa **MATRÍCULA:**
2016045366

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu, **Francisca Ferreira de Sousa** autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa: **HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA** da Valdinea da Cruz Oliveira de Sousa, sobre a Orientação da Profa. Dra. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus VII

Francisca Ferreira de Sousa

Codó – MA
29 de dezembro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA, CAMPUS VII
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS – HISTÓRIA

MONOGRAFIA: 2021 – 2022

TÍTULO: HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE
TRÊS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA:
DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdinea da Cruz Oliveira de Sousa **MATRÍCULA:**
2016045366

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu, **Delma Maria de Brito Santos**, autorizo o uso das informações concedidas ao trabalho de pesquisa: **HISTÓRIAS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE TRÊS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DE CODÓ-MA: DONA FRANCISCA, DONA DELMA E DONA EDELANIA**, da Valdinea da Cruz Oliveira de Sousa, sobre a Orientação da Profa. Dra. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus VII

Delma Maria de Brito Santos

Codó – MA
29 de dezembro de 2022